

Exma. Sra. Presidente da Assembleia de Freguesia e demais membros empossados,

Estimados colegas de executivo,

Exms. Sr. Vice-Presidente (e futuro Presidente) da Câmara Municipal,

Exms. Vereador da Câmara Municipal e Vereadores eleitos

Caros autarcas e ex-autarcas presentes,

Minhas senhoras e meus senhores,

É com enorme orgulho e sentido de responsabilidade que reassumo hoje as funções de Presidente da Junta de Freguesia de Alpalhão.

Confesso que, ao longo dos últimos anos, nem sempre desejei que este momento se concretizasse, mas o desejo de continuar um projeto tão gratificante falou mais alto e eis que aqui estou com a mesma vontade que

trouxe comigo no dia 17 de outubro de 2021 quando nesta mesma sala assumi este cargo pela primeira vez.

Passaram-se 4 anos. Por vezes, parece que fora 4 décadas, noutra parece que foram apenas 4 semanas.

O que é certo, é que muito depressa ou muito devagar, estes 4 anos foram uma grande aprendizagem. Vivi muitas coisas desde aquele dia 17 em 2021 até este dia 26 em 2025, e gostaria de partilhar convosco algumas reflexões.

Começo pelo fim e pelos resultados obtidos nas eleições autárquicas...

Ser eleito com a maioria é um feito de que me orgulho. Ser reeleito novamente com maioria é algo que não esquecerei e que fica desde já para a história desta freguesia como um feito que poucos conseguiram alcançar.

É certo que a minha equipa perdeu um lugar na Assembleia de Freguesia, fruto de uma perda de eleitorado que não escondemos nem fugimos, e que lemos como indicativo de algum descontentamento.

Ninguém é perfeito e não se agrada a toda a gente, mas nós queremos efetivamente trabalhar para todos. Por isso, trabalharemos para todos, e aguardaremos pela participação de todos nas reuniões ordinárias da Junta, sede própria para expor o descontentamento e podermos tratar daquilo que possa estar a desagradar alguns fregueses.

No entanto, sobrepõe-se que reconquistámos a confiança da maioria dos alpalhoeiros, mesmo que alguns tenham tentado ir pela vertente do populismo durante a campanha autárquica, com ataques baixos e incoerentes com as suas propostas eleitorais.

Fazer oposição é sempre mais fácil. Estar no local das decisões é sempre mais difícil.

Fico tristes ao ouvir frases como "Alpalhão merece melhor", ou quando dizem que se fez "qualquer coisa"...

Não foi "qualquer coisa", foi muita coisa! Mas já lá e iremos...

A bem da ética e de um trabalho que se quer comum e de unidade, importa dizer que as críticas são sempre bem-vindas, mas quando realistas e aceitáveis. E aquilo a que assistimos nos últimos tempos, inspirados pela disputa autárquica, são na sua maioria ataques vis e de má fé.

Há por aí muita gente que fala sem saber da causa, alguns nem de cá são (reparem bem nisto, muitos são pessoas que nem pertencem, nem nunca pertenceram à nossa freguesia!!). Inventam mentiras e fazem insinuações demasiado feias que nem me atrevo a frisar para não lhes dar a medíocre atenção que tanto esperam.

Uma das maiores reflexões destes 4 anos, é precisamente sobre as redes sociais.

As redes sociais são apenas as redes sociais. Têm cada vez mais peso na opinião pública, são motor de difusão rápida de informações (válidas ou não), mas ainda não são espaços oficiais. Ou seja, não substituem reuniões nem documentos oficiais. Todavia, não deixa de ser interessante notar a importância que muitos dão àquilo que encontram nas redes sociais, muitas vezes distorcidas da realidade. E vemos tanta gente a participar nas redes sociais e tão poucas nas reuniões da Junta e da Assembleia de Freguesia.

Nas redes sociais fazemos tudo e criticamos de peito feito. Vi tanta gente a opinar sobre o que fazer e como fazer melhor, que considereei a possibilidade de existirem mais candidatos nestas últimas eleições, ou que pelo menos certas pessoas integrariam as listas. Mas diz o ditado e com razão - “cão que ladra, não morde”.

Mas as redes sociais também têm a sua positividade e o seu utilitarismo. E aqui está já uma das muitas coisas que fizemos e marcámos pela diferença relativamente ao que existia anteriormente - criámos e dinamizámos (e muito!) as redes sociais da Junta de Freguesia, e até criámos um novo site, atual, dinâmico e com muita informação, não só sobre o funcionamento da nossa freguesia enquanto órgão autárquico, mas também sobre onde dormir, onde comer, o que visitar...

Hoje, ao contrário de há 4 anos, temos um papel muito ativo na internet, principal palco da comunicação nos dias que correm, e isso, não só é uma forma de divulgar o que por cá acontece, como é uma forma de aproximar os alpalhoeiros da diáspora que estão longe da sua terra Natal. Incluindo aqueles que ficaram muito ofendidos quando há 4 anos eu disse aqui que daria prioridade às vontades dos alpalhoeiros que cá moram.

Houve críticas (de alguns), fui acusado de ter alpalhoeiros de primeira e alpalhoeiros de segunda, mas mesmo assim, como bom cristão, dei a outra face, coloquei de lado a vingança e não deixei ninguém de parte, e prova disso, além de outras é precisamente o trabalho contínuo nas redes sociais, que colocou Alpalhão mais perto dos que estão fora. Se há festa, se há procissão, se há uma novidade... rapidamente os nossos conterrâneos da diáspora têm registos disponíveis nas nossas redes sociais, para matar saudades ou simplesmente ficarem informados. E sempre que regressam a esta sua terra, são acolhidos de braços abertos.

Quanto ao que disse há 4 anos sobre as nossas prioridades relativamente aos que cá habitam, mantenho todas as palavras, confiante de que são estes que mantêm viva a nossa vila durante os 365 dias do ano e garantem a continuidade de muitos serviços que ainda temos disponíveis.

A perda de serviços é uma verdadeira "bola de neve". Fogem as pessoas, terminam os serviços. E sem serviços é, por sua vez, difícil fixar pessoas. Por isso temos de estimar quem está, para garantir os serviços e com eles argumentar a atração de população.

A propósito deste tema, destaco a luta pela permanência do terminal multibanco que conseguimos instalar no Mercado Municipal a troco de uma renda mensal que entretanto também já conseguimos reduzir, e os serviços CTT que conseguimos segurar ao máximo no horário completo e que, quando forçados a reduzir para meio tempo, ajustámos para um horário flexível, negociando um aumento de valores em cofre para maior rapidez no pagamento de reformas.

Mas a fixação de serviços não é a única estratégia para a fixação de população, e nesse sentido, há um obstáculo que por vezes se faz sentir – a persistente constante nostalgia dos mais velhos (que são a maioria).

Numa vila pequena e maioritariamente envelhecida (apesar dos recentes índices natalidade estarem a subir), a evolução por vezes é um trabalho árduo. O saudosismo torna-se por vezes depreciativo... começando por muitos dos que cá vivem, mas também dos que vivem longe há muito tempo, e parecem querer continuar a ver Alpalhão como era quando de cá saíram.

Tudo isto difícil a presença dos jovens e, mais ainda, o trabalho de um jovem presidente que, por muito ligado à História e às tradições locais, não deixa de ter um espírito renovador e de atualidade necessário à atratividade e ao futuro da freguesia.

Até eu, com 30 décadas de existência, já vou tendo saudades de outros tempos. Mas não é de saudosismo que precisamos, nem podemos, de modo nenhum, privar o desenvolvimento de Alpalhão e a sua atualização em prol do que foram os outros tempos.

Precisamos de, com respeito pela tradição que tanto nos caracteriza e pela qual tanto lutamos, evoluir e readaptar espaços e costumes.

Nesta matéria, não falhámos! Valorizámos o nosso património e trabalhamos na salvaguarda de todas as tradições, mobilizando a população e promovendo-as junto do público mais novo, nomeadamente (cá está) nas redes sociais.

Ainda sobre a fixação de população, acreditamos que esta está diretamente relacionada com o mundo do trabalho e a fixação de empresas.

Todas as empresas são bem-vindas! Mas sobre esta temática a Junta de Freguesia tem recursos muito limitados e confiamos no trabalho desenvolvido pela Câmara Municipal.

Acreditamos que um dos contributos que podemos dar na fixação de pessoas está diretamente ligado com o bem-estar da população e, consequentemente, com a apresentação de uma freguesia limpa e com espaços cuidados e renovados.

Neste campo fizemos muito... Pintámos a junta por dentro e por fora, o coreto, os balneários, fontes, muros, poços, arranjámos canteiros, podámos árvores (os grandes plátanos da estrada nacional foram finalmente limpos depois de muita insistências nossas) fizemos tanta coisa que é difícil enumerar...

A este respeito importa realçar que os recursos são muito limitados, e é preciso utilizá-los com inteligência e criatividade "Agradar a gregos e a troianos" não é nada fácil. A figura do presidente mistura e esbarra com a de "patrão". Se por um lado há que agradar aos fregueses e eleitores que são os principais destinatários do trabalho autárquico, por outro lado importa manter uma boa relação com os funcionários, não descurando o rigor, mas evitando criar um clima de mau

estar que leva ao desânimo e há pouca produtividade, e preservando o bem-estar dos trabalhadores e os seus direitos.

Os funcionários são preciosos. Ao contrário do que muitos podem pensar, os funcionários são o mais importante que uma entidade ou empresa pode ter. Sem eles não há patrões, nem há entidades ou empresas. O trabalho em equipa é fundamental para o funcionamento do que quer que seja. E às vezes é difícil arranjar gente interessada em fazer certos trabalhos ou gente competente para os fazer.

Nesta matéria a Junta de Freguesia também ficou a ganhar - reforçámos os recursos humanos - concluímos um concurso de pessoal para a limpeza urbana, fizemos outro para o cemitério, fizemos uma mobilidade intercarreiras para uma funcionária que estava há muito tempo numa categoria que não correspondia às suas funções, reforçámos as prestações de serviços, requisitámos subsidiados todos os anos para reforço da limpeza urbana, comprámos equipamentos novos, melhorámos o serviço de atendimento da junta...

Fizemos muita coisa no que diz respeito aos recursos humanos que ainda assim, não são suficientes para o que seria um quadro de pessoal perfeito.

Todavia os recursos financeiros também são escassos.

Há muita gente que julga que a Junta de Freguesia é rica, mas posso garanti-vos que não é. Aliás, há meses em que a conta bancária tem menos dinheiro do que as contas bancárias de muita gente comum. E por mais apertada que seja a nossa gestão, não há dinheiro para tudo o que desejamos.

Ao produzirmos o orçamento anual, há fatias monetárias de grandes valores que têm automaticamente destino, seja por obrigações de gestão corrente seja pela manutenção de iniciativas de âmbito cultural que seria impensável remover no plano de atividades (embora às vezes haja a tentação de o fazer para conquistarmos um bom alívio fiscal para outros trabalhos, mas a vontade do povo impera e nós estamos cá para trabalhar para as pessoas).

Posto isto, preenchidas as rubricas obrigatórias, pouco resta para agradar a tantas vontades.

Não sou do tempo em que uma sardinha dava para muitos, mas esta é uma boa metáfora para o papel de um presidente: ter tão poucos recursos para satisfazer tanta gente.

Uns reivindicam a vila limpa, outros querem os jardins cuidados, outros querem os caminhos arrançados, outros querem o cemitério cuidado, outros querem as fontes limpas, outros querem apoio em iniciativas... E para tanta reivindicação há apenas meia dúzia de funcionários e um orçamento que se espreme até ao tutano.

É certo que tudo isto é dever da Junta de Freguesia, mas, por muito que nos custe (e não custa a ninguém mais do que ao Presidente) não conseguimos manter tudo isto em simultâneo. Quando nos dedicamos a uma causa é certo que muitas outras ficam em atraso e, às vezes, quando a terminamos já a podemos recomeçar. É um trabalho muitas vezes ingrato.

A par disto as burocracias e as leis em prol da transparência limitam muito o trabalho das pequenas autarquias com a nossa.

E também aqui arriscámos. Em prol do que considerámos benéfico para a nossa freguesia, iniciámos processos até então nunca feitos, e com isso metemos a prémio a nossa cabeça.

Confirmo que não é algo que se faça de ânimo leve. Nos dias que correm, com tanta transparência e fiscalização, ao mínimo deslize, um documento mal feito ou assinado no dia e na hora errada, tudo isto sem querer e com a inocência de querer estar a fazer o melhor para a comunidade, coloca-nos num processo judicial que nos mancha estatuto e currículo, e nos traz "dores de cabeça" que podiam não ser nossas.

Este é o peso da responsabilidade que a maioria das pessoas não vê e, os que vêm, julgam ser um risco compensado com um bom ordenado. Pois, enganam-se... O que se ganha nestes cargos não compensa o risco de um currículo ou um cadastro manchado para o resto da vida, muito menos os ataques pessoais, as críticas baratas, e os inimigos.

Eu que não sou imaculado nem sou mais que ninguém, mas nunca tinha sentido tanta oposição à minha pessoa ou àquilo que eu faço (e fiz tanta coisa em prol da comunidade antes de ser Presidente de Junta).

Até tive direito cartas abertas nestes últimos 4 anos! Mas vejamos o lado positivo – se há críticas ou ataques menos favoráveis, é sinal de que, bem ou mal, alguma coisa aconteceu. No fim de contas, para não perder o alento, vale o chamado “amor à camisola”. Só isso justifica assumir hoje estas funções e à frente de uma Junta de Freguesia.

Todavia, não escondo a preocupação com o futuro...

Pergunto-me: se as associações estão em crise e não têm metade das responsabilidades de uma junta, que será da política local no futuro? Se as gerações mais novas se interessam e envolvem cada vez menos nas causas comuns e nas propostas para a comunidade (e os que o fazem sofrem ou afastam-se com a nostalgia dos mais velhos), quem assumirá cargos de chefia e responsabilidade no futuro?

Terá o Governo central de aumentar a recompensa monetária? Estaremos nós de ficar sujeitos a quem só avança para estes cargos por interesses monetários? Ou estaremos nós ainda a tempo de apontar menos o dedo e contribuir mais com críticas construtivas?

É certo que nestes cargos não fazemos mais que a nossa obrigação, mas um obrigado por vezes acalenta e dá motivação.

A título de exemplo serve a polémica da Torre do Relógio. O fim do mundo, a enxurrada de críticas e ataques quando foi silenciada (uma ação que hoje reconheço ter sido precipitada, apesar de ter lutado muito contra a sua concretização), mas quando repusemos o seu funcionamento normal, nem uma palavra sobre o assunto.

Não se enganou certo filósofo ao dizer que “a política é uma a longa aprendizagem da desilusão”.

Confesso que o é muitas vezes...

Só o facto de ter entrado na política, trouxe-me opositores que o são até hoje. Mesmo antes de eu deliberar o que quer que fosse. Bastou-me ingressar na mesma lista que tinha e manteve poder na Câmara. Não me deram o benefício da dúvida. Acharam que um miúdo novo ia ser o pau mandado da Presidente da Câmara, que ir contra ele era ir contra ela e vice-versa.

Este, confesso, terá sido um dos meus maiores sofrimentos enquanto Presidente.

E para que fique esclarecido, eu não sou o “pau mandado” de ninguém. E importa esclarecer também que, por mais ligação que haja, eu tenho a minha profissão e tenho a minha função de

Presidente. São independentes uma da outra! Por acaso trabalho na Câmara, mas poderia trabalhar num outro local qualquer.

Na Câmara tenho superiores hierárquicos, aqui, acima de mim, tenho única exclusivamente a vontade do povo (“para bom entendedor, meia palavra basta!”).

Tudo isto meus senhores e minhas senhoras, foram reflexões de um jovem que assumiu a presidência desta Junta de Freguesia há 4 anos atrás e que, quer se goste, quer não se goste, o povo escolheu com expressão maioritária, para continuar nesta nobre função.

Haveria muito mais para dizer. Fizemos muita coisa...

Aqui, nas várias edições da Revista “Terra de Valor”, que criámos como boletim informativo da Junta de Freguesia e que todos os anos por esta altura é publicado e distribuído (mais uma inovação da nossa autoria e fruto do nosso engenho e criatividade), está grande parte do nosso trabalho. A par disto há muito outro trabalho invisível, ou que passa mais despercebido..

Por exemplo, o despacho diário da documentação para que todos os processos decorrem de forma mais célere possível. Hoje quem precisa de um atestado ou outro documento consegue-o facilmente no dia seguinte ao requerimento.

Outro exemplo é a redução da lista de espera para a trasladação de ossadas no cemitério. Hoje não é preciso esperar muito para que este serviço se realize e com isso deixámos de abrir novas sepulturas, poupando espaço.

Outro exemplo é a isenção de feiras e mercados, medida que tomámos logo no início das nossas funções autárquicas para apoiar os poucos comerciantes que ainda participam nestas iniciativas e atrair outros, a fim de que não acabem. (E aproveito desde já para anunciar que vamos publicar edital sobre o recinto para feiras e mercados, de modo a impedir a obstrução de ruas).

Muita coisa que fizemos.... Estaria aqui o resta da tarde a elencar o que fizemos e o que pretendemos fazer. Mas como disse, o que fizemos está maioritariamente publicado e é de âmbito público, e quanto ao que pretendemos fazer neste mandato que agora iniciamos, é resumido facilmente numa frase: queremos continuar o que fizemos até aqui!

Assumimos que há gestões que precisam de ser afinadas e que há temas em que não correspondemos às expetativas, mas é com erros que se aprende e é precisamente nesses percalços que nos queremos focar com prioridade.

Estamos muito orgulhosos do que fizemos até aqui. Se, porventura, não fossemos reconduzidos nestas funções, sairíamos de cabeças erguida e com a certeza de que deixámos a nossa marca e de que contribuímos para melhorar a nossa freguesia.

Mas também estamos certos que ainda há muito para fazer. Há sempre coisas para fazer. E muito daquilo que ambicionámos para um mandato, só será possível concretizar em dois.

Seja como for, será sempre mais difícil se trabalharmos sozinhos. Por isso, contamos com todos! Com todos mesmo!

Continuamos a contar com quem de boa vontade dá um jeito nos caminhos vicinais por onde passa, com quem cuida dos canteiros que tem à sua porta, com quem ainda varre a sua porta (hábito raro mas valioso), com quem abre e fecha as casas de banho públicas, com quem cuida de espaço comuns, com quem respeita as regras do depósito de lixo, com quem se voluntaria para ajudar nos eventos da junta, com quem se dedica às tradições, com quem mantém viva a

massa associativa e promove iniciativas, com quantos saem do conforto do lar para participar nessas iniciativas... Todos! Todos! Todos!

Acreditamos que com todos juntos, a remar para o mesmo lado, será muito mais fácil engrandecer a nossa freguesia e torná-la cada dia melhor.

O desafio é o mesmo desde a primeira hora – DAR VALOR A ALPALHÃO!

Contem comigo, contem com a minha equipa, contem com a Junta de Freguesia!

Nós contamos convosco também!

Viva Alpalhão!

Muito obrigado!

Rui Canatário
26/10/2025